

Brasília: utopia e realidade

Luiz Philippe Torelly *

Presente no ideário nacional desde o século XVIII, Brasília carrega consigo a marca da singularidade. Suas origens remontam a um conjunto de influências, mitos e aspirações de naturezas e matizes distintos, que vão desde a Inconfidência Mineira, primeiro movimento libertário de expressão contra o colonialismo português, passando pelo socialismo utópico de Robert Owen e Charles Fourier, o positivismo republicano de Augusto Conte, o "desenvolvimentismo" de Juscelino Kubistchek, até os cânones do urbanismo modernista/racionalista, compilados na "Carta de Atenas", base teórica do Plano Piloto de Brasília. A gênese da nova capital brasileira é moldada, assim, a partir de idéias que influenciaram um sem número de outras realizações do engenho humano, pelo mundo afora. Contudo, desde as primeiras manifestações políticas e místicas acerca de Brasília, a ela é atribuída um caráter utópico e mítico.

A leitura do "Relatório do Plano Piloto de Brasília" de Lúcio Costa, inegavelmente uma peça literária épica, bem como da já significativa bibliografia sobre a cidade, nos permite fazer algumas inferências. Brasília surgiu pela determinação governamental, antes mesmo de seus habitantes. Não se subordinou aos fatos econômicos, culturais e sociais, como as demais cidades, nasceu pronta, afirma Lúcio Costa. Embora muitas outras cidades tenham sido objetivo de planos e reformas, poucas ou talvez nenhuma foi concebida desta forma, aprocessual e porque não dizer ahistórica.

Materialização da "Carta de Atenas" e do urbanismo racionalista de Le Corbusier, o plano de Brasília traz consigo uma certa concepção de sociedade própria dos sistemas dedutivos que procuram adequar a realidade às idéias, como pode-se constatar pelas seguintes citações de Lúcio Costa: "Ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como urbs, mas como civitas, possuidora dos atributos

inerentes a uma capital. E, para tanto, a condição primeira é achar-se o urbanismo imbuído de uma certa dignidade e nobreza de intenção, porquanto dessa atitude fundamental decorrem a ordenação e o senso de conveniência e medida capazes de conferir ao conjunto projetado o desejável caráter monumental. Monumental não no sentido de obstenção, mas no sentido de expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa. Cidade planejada para trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país. (...) A característica fundamental do plano era permitir em cada área de vizinhança, constituída

por quatro super quadras a convivência de pessoas de padrões econômicos diferentes, e isto sem mútuo constrangimento, porquanto cada quadra teria moradores de um determinado padrão. Diluídas assim as diferenças do status econômico ao longo de todo eixo rodoviário-residencial, a cidade não ficaria estratificada em áreas rigidamente diferenciadas, e se teria demonstrado, na prática, como resolver, no sistema capitalista, o problema social da coexistência urbana das classes."

As palavras de Lúcio Costa evidenciam sua visão social claramente fundada no "taylorismo" quase que atávico do urbanismo racionalista. Espelham a preocupação de utilizar o urbanismo como instrumento de coexistência de classes, de consolidação do "status quo" vigente. Desta forma, Brasília é uma cidade concebida nos patamares do capitalismo, apesar de alguns identificarem em seu plano uma abordagem socialista. E, com



certeza, não poderia ser diferente. Muito embora o urbanismo tenha sido utilizado, em diferentes épocas, como instrumento de controle social, com diversos níveis de eficácia, certamente não pertencem a sua abrangência os mecanismos capazes de gerar mudanças estruturais.

Hoje, nos é possível tecer os comentários acima, face ao destanciamento temporal e o acúmulo crítico acerca do urbanismo modernista. É importante, contudo, lembrar o contexto social, cultural e político à época da concepção de Brasília. O modernismo era homogêneo no urbanismo, na arquitetura e nas artes em geral. Seus paradigmas eram axiomáticos. Todos os vinte e dois projetos inscritos no concurso do Plano Piloto de Brasília a ele se filiavam. E com

O plano de Brasília traz consigo uma concepção de sociedade que procura adequar a realidade às idéias

certeza uma unanimidade, o projeto de Lúcio Costa era o que melhor expressava as aspirações da época. O país vivia um clima de euforia e ufânismo. O desenvolvimento de JK, impulsionava a industrialização e a "modernização" de um Brasil ainda rural.

Cidade singular sob vários aspectos, que naturalmente estão intimamente relacionados a sua concepção urbanística, geopolítica e por sua condição de capital do Brasil, Brasília é envolta como outra cidade qualquer, pela realidade, por uma superestrutura sócio-econômica que determina sua dinâmica social. Como toda cidade de dimensões metropolitanas, em especial no mundo subdesenvolvido, Brasília (plano piloto e demais cidades) apresenta desequilíbrios na oferta de bens e serviços urbanos e na qualidade e morfologia dos aspectos. Portanto, com todas as suas especificidades, que geram uma polêmica permanente entre apologias e críticos, quase sempre urbanistas e visitantes, Brasília é uma cidade como as outras. Confundir a

Brasília Capital da República, por onde circulam algumas centenas de políticos, tecnocratas e lobistas, com a Brasília real, onde residem quase dois milhões de pessoas, que a fazem ser a metrópole com os melhores índices de qualidade de vida do Brasil, é no mínimo um equívoco.

Especula-se frequentemente sobre como, em Brasília, o ordenamento espacial influencia as relações de sociabilidade e urbanidade. "Enquanto na análise de outros meios urbanos o debate se desprende do espaço para avaliar o modo de vida, no caso de Brasília não há esse despreendimento", adverte a antropóloga Lia Zanotta. Fatos sociais como segregação, a marginalidade, a especulação imobiliária, comumente presentes nas cidades contemporâneas, são em Brasília associamento do espaço urbano. Este comportamento talvez possa ser explicado, pelo esforço coletivo empreendido à época da construção da cidade, em sua fase pioneira, antes de sua inauguração (21/04/1960), em que o objetivo comum a todos, políticos, engenheiros, arquitetos e operários era a obra em si. Certamente, esta "união" passageira colaborou para fixar a idéia de epopéia, de esperança de uma ordem político-social mais justa e superior. Não se pode também desprezar a dimensão mística, como a do sonho de D. Bosco, beato italiano que em meados do século passado profetizou, ao sul do paralelo 15, a construção de uma cidade, onde jorrariam o leite e o mel e de outras manifestações visionárias que indicam ser Brasília a capital do terceiro milênio.

Na verdade, todos os aspectos destacados ao longo do texto foram determinantes para fixar no imaginário nacional a idéia de uma cidade mítica, utópica. Neste contexto o forte conteúdo simbólico, do plano urbanístico e da arquitetura de seus principais monumentos e edificações tiveram um papel fundamental.

Brasília é hoje cidade viva, que forja sua identidade através da diversidade de suas três dimensões: cidade real, cidade monumento e cidade capital. Brasília cidade singular, não é utopia, é realidade.

* Secretário de Habitação do DF